



Entre o pródigo e o malandro: um estudo de personagem em “A volta do marido pródigo”, de Guimarães Rosa

Between the Prodigal and the Malandro: A Character Study in Guimarães Rosa’s “A volta do marido pródigo”

Rosanne Bezerra de Araújo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte / Brasil

rosanne.araujo@terra.com.br

Wallyson Rodrigues de Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte / Brasil

wallysong3@hotmail.com

Resumo: Este artigo apresenta um estudo do conto “A volta do marido pródigo”, de Guimarães Rosa, com o foco na análise do personagem. Estabelecemos relações entre o anti-herói rosiano, o herói bíblico e o pícaro europeu. Para desenvolver tal análise, utilizamos a crítica de Roberto Schwarz (2012) e Antonio Candido (1993), bem como o pensamento do filósofo romeno Constantin Noica (2011), ao ressaltar que a recusa ou a carência do indivíduo perante o Geral (a lei, a ordem) caracteriza-se como uma doença do espírito contemporâneo. O presente estudo tem como objetivo contrapor as três categorias de heróis (o malandro, o bíblico e o pícaro), revelando suas semelhanças e divergências. Nosso método de pesquisa segue a crítica integrativa de Antonio Candido (1993), pois investiga a narrativa rosiana sob diferentes ângulos, observando o aspecto social e ontológico do personagem Lalino Salãthiel. O resultado deste estudo nos revela que o texto de Rosa apresenta uma sátira da narrativa bíblica ao mesmo tempo em que transcende o pícaro europeu. A categoria do malandro, como bem aponta Candido (1993), é uma peculiaridade do anti-herói brasileiro. Concluimos, assim, que a singularidade da malandragem de Lalino reforça a realização de sua individualidade e comprova que o seu espírito pode padecer de *acatolia*, ou seja, a recusa do Geral e

a afirmação do individual, conforme nos esclarece Noica em sua obra *As seis doenças do espírito contemporâneo*.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; anti-herói; herói pródigo; personagem picaresco; malandragem.

Abstract: We present a study about the short story “A volta do marido pródigo” (The prodigal husband’s return), written by Guimarães Rosa, focusing on a character analysis. We established relationships among the Rosian anti-hero, the biblical hero, and the European picaresque character. In order to develop this analysis, we use the critical work of Roberto Schwarz (2012) and Antonio Candido (1993), as well as the Romanian philosopher Constantin Noica’s (2011) way of thinking. Noica emphasizes that the individual’s refusal or need of the General (law, order) can be diagnosed as a contemporary spirit malady. The present study aims to counterpose the three categories of heroes (the *malandro* – Brazilian trickster –, the biblical and the picaresque), revealing their similarities and differences. Our research method relies on the integrative Antonio Candido’s (1993) critique, as it investigates Rosa’s narrative from different angles, considering the social and ontological aspects of the character Lalino Salãthiel. Our findings shows that Rosa’s text presents a satire of the biblical narrative, while transcending the European picaresque figure, since the *malandro* category, as Candido (1993) points out, is particular to some Brazilian characters. We conclude that the singularity of Lalino’s trickery reinforces his individuality realization, proving that his spirit may suffer from *acatholia*, which is the rejection of the General and the affirmation of the individual, as clarified by Noica in his work *Six maladies of the contemporary spirit*.

Keywords: Guimarães Rosa; anti-hero; prodigal hero; picaresque character; malandragem (trickery).

Introdução

O presente estudo analisa o conto “A volta do marido pródigo”, do livro *Sagarana* (1946), de João Guimarães Rosa (1908-1967), tendo como objetivo investigar a individualidade do personagem Eulálio de Souza Salãthiel e a ausência e/ou recusa de generalidade em seu espírito, com base no sistema ontológico do filósofo romeno contemporâneo Constantin Noica (1909-1987). Para tanto, um breve estudo comparativo é realizado entre Eulálio e a figura tradicional do herói pródigo, seja da Bíblia ou da literatura universal. Torna-se claro, como veremos adiante, que Eulálio não se encaixa no sistema ontológico de Noica (2011). Pouco afeito às

virtudes, ele possui uma natureza que não condiz com a humildade do herói bíblico, findando por tornar-se uma sátira deste. Esse conto traz a configuração da sociedade brasileira, uma mistura de modernidade dos grandes centros e do universo restrito de um povoado sertanejo. Seguindo a crítica de Antonio Candido (1918-2017) e de Roberto Schwarz (1938-), buscamos explorar o caráter ardiloso do personagem de Rosa, que remete à singularidade da figura do malandro na narrativa brasileira. Observamos que o sujeito do conto não se choca com a realidade, pois sempre a direciona a seu favor. Ele segue o seu desejo individual e busca transcender as circunstâncias da realidade, diferenciando-se, portanto, do herói pícaro europeu.

Escrita em sete meses, *Sagarana* é uma reunião de doze histórias, finalizadas em 1938, que inicialmente levou o título de *Contos*. Somente em 1946 o livro foi retrabalhado e publicado com o título *Sagarana*. O neologismo de Rosa apresenta a junção de *saga* (tradição das lendas europeias) com *rana* (palavra do tupi-guarani que significa proximidade). São histórias que possuem semelhança com a saga, reforçando, assim, o regionalismo universal do autor. Em sua carta a João Condé, revelando os segredos do livro, o escritor mineiro confessa que “A volta do marido pródigo” é “a menos ‘pensada’ das novelas de *Sagarana*, a única que foi pensada velozmente, na ponta do lápis. Também, quase não foi manipulada, em 1945.” (ROSA, 1984, p. 9). Ainda, conforme o autor, a escolha pelo espaço rural de Minas deve-se ao fato de este ser o lugar ideal para criar personagens sem as convenções e a afetação das pessoas dos grandes centros. Seu desejo era extrair características singulares do povo do interior. Somente nesse meio ele teria êxito nas suas doze parábolas. Apesar de ser a “menos pensada” das histórias, observamos o trabalho estético em “A volta do marido pródigo”. Diferente dos demais contos da obra, este é o único dividido em nove partes, semelhante a uma peça de teatro. O conto é narrado em terceira pessoa, porém, o próprio Eulálio chega a assumir a narração algumas vezes, pelo fato de ele ser um contador de histórias. Logo na primeira parte, detectamos o viés metalinguístico, quando o personagem menciona para o encarregado dos serviços, Marra, a peça teatral da qual gosta, o drama do “Visconde Sedutor”, e sugere que gostaria de encenar tal história.

De fato, o drama do Visconde é muito bem representado por Eulálio ao longo do conto, pois a sedução é sua principal característica. Sonhador, conquistador, faceiro, falante e esperto, o personagem rosiano

vende sua esposa, Maria Rita, viaja para o Rio de Janeiro em busca de aventuras amorosas e, por fim, decide voltar para casa e retomar o seu lugar. Uma mistura de Dom Juan com o filho pródigo parece caracterizar o astucioso anti-herói de Rosa. É importante observar a etimologia do nome Eulálio. Vinda do grego, *Eulalos*, significa “bem-falante”. Como sabemos, é por meio de sua falácia que o personagem conquista a simpatia de todos.

1 O filho pródigo e o sistema ontológico de Constantin Noica

Em *As seis doenças do espírito contemporâneo* (1978), Constantin Noica investiga momentos na literatura que revelam as seis precariedades do ser. Essas doenças do ser são reveladas pela ausência ou recusa de três elementos que constituem a nossa existência: o *Geral*, o *Individual* e as *Determinações*.¹ Se o sujeito rejeita um desses elementos ou, por outro lado, se sofre a carência de um dos três, inevitavelmente será acometido por uma das doenças. Dentre as seis enfermidades espirituais descritas por Noica (2011), a atenção deste trabalho será voltada para a *acatolia* e a *catolite*. A primeira pode ser evidenciada no espírito do personagem de “A volta do marido pródigo” por se tratar da *recusa* do Geral; já a segunda é característica do filho pródigo, cuja precariedade do ser é revelada pela *ausência* do Geral. Entende-se por Geral tudo aquilo que ultrapassa o homem. Conforme Noica (2011), o Geral é representado pela lei, entidade, autoridade, divindade, essência. Vejamos a definição de Noica (2011) para as duas doenças mencionadas:

- *Acatolia* – rejeição ao Geral. Um personagem como Dom Juan representa o ícone da individualidade. Trata-se de um sujeito que busca satisfazer seus próprios desejos. Mesmo tendo lucidez em relação ao Geral – a fidelidade a um amor –, lei estabelecida pela história e pela tradição, Dom Juan rejeita-o e se entrega à aventura de seduzir inúmeras mulheres.

¹ Na tradução do livro de Noica do romeno para o inglês, as palavras “Geral”, “Individual” e “Determinações” são mantidas com letras maiúsculas (cf. NOICA, 2009). No intuito de destacar a tríade ontológica do autor, manteremos o mesmo padrão no nosso texto.

- *Catolite* – ausência do Geral. A narrativa bíblica do filho pródigo representa fielmente o ser catolítico. O indivíduo desconhece o Geral, ou seja, é ingênuo por não apresentar lucidez a respeito deste e age conforme a sua vontade, deixando para trás a família e a sociedade.

Observamos, portanto, que enquanto uma doença é caracterizada pela lucidez, como vemos em Dom Juan na sua recusa voluntária do amor fiel, a outra destaca-se pela falta de lucidez, a exemplo do herói bíblico que não sabia diferenciar o certo do errado.

O filho pródigo representa o ser catolítico corroído por uma constante insatisfação com o presente. O que move o espírito desse herói bíblico é a vontade de pôr à prova o potencial do seu individual. A narrativa bíblica, bastante elucidada nas artes, traz a figura do filho que deixa a casa paterna em busca de aventuras em meio a sua sede de conhecer o mundo e desbravar novas paisagens:

“Farei o que bem entender”, diz o filho pródigo, e parte para o mundo, libertando-se assim dos sentidos gerais de sua família e de sua comunidade, a fim de se dar determinações arbitrárias cujo alcance geral ele desconhece: pois é precisamente a tirania da generalidade que, em casa, o exasperava. Ei-lo liberto dela. [...]. Sua doença é antes uma carência (de que ele nem sequer tem consciência) de todo sentido geral – uma catolite de primeiro tipo. Se tivesse tido conhecimento de uma ordem geral através da qual pudesse realizar-se, ele não teria saído de casa [...] (NOICA, 2011, p. 60-61).

Semelhante situação ocorre com Eulálio. Insatisfeito com a sua vida presente, parte para a capital em busca de aventuras e novas experiências: “[...] Foi fácil. Tinha algum saldo, pouco. João Carmelo comprava o carroção e o burrinho. Seu Marra fez o que pôde para dissuadi-lo; depois, disse: – ‘Está direito. Você é mesmo maluco, mas mais o mundo não é exato. Se veja...’ [...]” (ROSA, 1984, p. 95).

O que diferencia Eulálio do filho pródigo é que enquanto o personagem bíblico apresenta-se ligado à tradição, ainda que não tenha conhecimento desta, o sujeito do conto rosiano possui consciência da ordem e da tradição, mas rejeita-os. De fato, Eulálio prefere recriar uma outra ordem para si na capital.

De acordo com Noica (2011), o herói bíblico não recusa a ordem, ou seja, o significado da obediência ao pai, a valorização do lar, da família e de sua terra. Ele não rejeita o Geral, pois, na verdade, o desconhece. Somente depois o filho percebe que foi ingrato e se arrepende de sua atitude imatura. Por esta razão, no caso do personagem bíblico, a doença é diagnosticada como *ausência* do Geral e não como a *recusa* deste. Ao se dar conta de seu erro, o filho retorna ao lar, submisso e mergulhado no sentimento de culpa. Como uma continuidade da lição do herói bíblico, o romance de formação europeu também traz a figura ingênua do jovem que sai de casa em busca de uma vida melhor e depois regressa ao seio da família, arrependido e experiente, a exemplo do herói em *Grandes esperanças*, de Charles Dickens, ou ainda de Lucien de Rubempré em *Ilusões perdidas*, de Honoré de Balzac. Já na narrativa de Rosa, o marido pródigo possui total conhecimento de seus atos e, mesmo após a experiência infrutífera na capital, retorna ao lar de cabeça erguida e autoconfiante, sem nenhum sentimento de remorso em relação a sua terra, sua esposa e seus companheiros de trabalho.

2 O filho pródigo *versus* o marido pródigo

Logo no título do conto, “A volta do marido pródigo”, percebemos que a narrativa se destaca como uma paródia da história bíblica, sem seguir a tradição e o cumprimento dos valores das velhas sociedades. O modelo do herói bíblico, bem como o modelo do herói da literatura europeia, é confrontado de forma criativa por escritores que buscam evidenciar a essência do espírito brasileiro na literatura, mas sem se deixar captar pelo nacionalismo ou qualquer racionalização ideológica dominante. O autor mineiro repete o sucesso de narrativas como as de Manuel Antônio de Almeida e as de Mário de Andrade na tentativa de singularizar a figura do anti-herói brasileiro que possui um contraponto com a conhecida figura do pícaro europeu.

As histórias de *Sagarana* se passam no interior de Minas Gerais, em meio ao universo de fazendeiros e vaqueiros. Em “A volta do marido pródigo”, semelhante a outras narrativas do autor, como é o caso do romance *Grande Sertão: Veredas*, encontramos o elemento do contraponto entre cidade e sertão, moderno e arcaico. No caso da história em análise, tem-se a necessidade de o personagem migrar para o Rio de Janeiro deixando para trás o ambiente interiorano em favor de suas ilusões.

O conto narra a história de Eulálio de Souza Salãthiel, conhecido como Lalino, um homem que sabe como ter êxito e tirar bom proveito de cada situação. Ele não se entristece com nada e enfrenta todos os desafios de forma sorridente e otimista. A história se passa na estrada de rodagem que liga Belo Horizonte a São Paulo. A aventura/desventura de Lalino se desenvolve entre o ambiente rural e a capital. Juntamente com outros trabalhadores, ele tenta cumprir as suas atividades diárias, porém sempre chega atrasado, dorme demasiado e, mesmo diante dos olhares de recriminação dos colegas e das observações judicativas do capataz, seu Marra, o personagem consegue converter a situação a seu favor e ludibriar os demais com desculpas e promessas. Ao ser questionado por Marra, ele rapidamente desvia o assunto do atraso do trabalho e se põe a falar sobre a Companhia de Teatro do Bagre, conseguindo, dessa maneira, amenizar a fúria de “seu Marrinha” e despertar neste a curiosidade pela fantasia do teatro. O elemento teatral em meio ao espaço bruto dos trabalhadores comprova não só a atitude engenhosa de Lalino, mas do próprio Guimarães Rosa, suavizando, assim, a malandragem do seu anti-herói: “Falar nisso, seu Marrinha, eu me alembrei hoje cedo de outro teatrinho, que a Companhia levou, lá no Bagre: é o drama do Visconde Sedutor” (ROSA, 1984, p. 86). Nesse sentido, temos, novamente, outro contraponto presente no trabalho do escritor mineiro que também se encontra em *Grande Sertão: Veredas*. Trata-se do contraponto entre o erudito e o popular. No romance, temos o protagonista Riobaldo dividido entre o seu papel de homem de guerra e letrado, enquanto que no conto temos Lalino com a sua sensibilidade em apreciar a arte teatral em contraposição a sua rusticidade sertaneja. Como observamos na narrativa, ao ser confrontado por seu Marrinha, ele mostra-se capaz de narrar o primeiro ato da peça “Um visconde sedutor”, conforme consta na passagem:

– Bem, seu Laio. Vamos sentar aqui nestas pedras e você vai me contar a peça.

Agora não tem outro jeito. Mas Lalino não se aperta: há atualmente nos seus miolos uma circunvoluçãozinha qualquer, com vapor solto e freios frouxos, e tanto melhor.

– O primeiro ato, é assim, seu Marrinha: quando levanta o pano, é uma casa de mulheres. O Visconde, mais os companheiros, estão bebendo junto com elas, apreciando música, dançando... Tem umas vinte, todas bonitas, umas vestidas de luxo, outras assim... sem roupa nenhuma quase... (ROSA, 1984, p. 91-92).

No elemento teatral está inserida ainda a preocupação estética rosiana ao escrever o conto, pois cada “ato” representado no texto é bem articulado e dividido, de modo que se torna totalmente possível uma adaptação teatral do texto. Como bem relata o narrador ao fim da primeira cena da história – “E, aí, com a partida de seu Waldemar, a cena se encerra completa, ao modo de um final de primeiro ato” (ROSA, 1984, p. 94) – evidenciamos a paródia do autor mineiro tanto no conteúdo como na forma da narrativa aqui estudada.

A função metalinguística se faz presente quando relacionamos o drama do “Visconde Sedutor” ao drama que se desenvolve na narrativa. Semelhante a Dom Juan, Lalino revela-se um grande sedutor, cuja falácia conquista não só a sua esposa, mas o capataz e demais trabalhadores. Sua grande astúcia está em usar as palavras e articulá-las de forma envolvente, cativando os ouvintes. Sua maestria destaca-se ao contar histórias, mentindo e iludindo os seus companheiros. Enquanto os outros trabalham, Lalino põe-se a tagarelar para passar o tempo e desviar a atenção dos outros. Vejamos a opinião de seus colegas de trabalho:

– O que esse me arrelia, com o jeito de não se importar com nada! Só falando, e se rindo contando vantagens... Parece que vê passarinho verde toda-a-hora... Se reveste de bobo!

– É, mas, seja não: é só esperto, que nem mico-estrela...

E Correia se volta, para rever furtadamente o mulatinho, que lá gesticula, animado, no meio da roda.

– Prosa, só... Pirão d’água sem farinha!... Era melhor que ele olhasse p’r’a sua obrigação... Uns acham um assim sabido, que é muito **ladino**; [...] (ROSA, 1984, p. 89, grifo nosso)

O nome Lalino, apelido de Eulálio, não foi escolhido ao acaso. Semelhante a “ladino”, o personagem comporta-se como sendo mais esperto e superior a todos, até mesmo ao seu patrão. A palavra “ladino” vem de “latinus”. Na Espanha e em Portugal, considerava-se um sujeito inteligente e bem preparado aquele que sabia falar latim corretamente. Posteriormente, a palavra “ladino” recebeu uma conotação de “esperto”, “malandro”.

Aos poucos, ele vai ganhando a confiança das pessoas com a sua lábia. Casado com Maria Rita, o mulato é também chamado por Laio, principalmente quando alguém o adverte, como vemos na voz de sua esposa: “Você é bobo... Laio...” (ROSA, 1984, p. 97). Importante lembrar que o nome Laio tem origem na mitologia grega. Lábdaco é pai

de Laio, que por sua vez é pai de Édipo. Laio foi conhecido por ser um líder autoconfiante e independente. De modo semelhante, o personagem do conto demonstra poder de decisão perante qualquer situação.

Certo dia, Lalino decide deixar tudo e seguir o seu sonho de visitar o Rio de Janeiro, onde certamente encontraria mulheres bonitas apresentadas como “húris”.² Imerso em sua fantasia de frequentar o teatro e conhecer as mulheres loiras, morenas, ruivas que ele só via nas revistas, o nosso anti-herói decide partir deixando para trás Maria Rita, o trabalho, e os amigos. Feito um Dom Juan, rejeita a regularidade de sua vida (o Geral): decide trocar o amor fiel de Maria Rita em prol da infinidade de possibilidades de realização do amor individual em cada mulher no Rio de Janeiro: “E na revista de cinema havia uma deusa loira, com lindos pés desnudos, e uma outra, morena, com muita pose e roupa pouca; e Maria Rita perdeu” (ROSA, 1984, p. 95). Antes de partir, pede dinheiro emprestado a seu Ramiro, o espanhol que já andava interessado em cortejar Maria Rita, e embarca para o Rio sem se despedir de ninguém. Deixa somente um bilhete para sua esposa, informando que não regressa mais e que ela pode fazer o que bem quiser da vida.

Na cidade grande, a vida não se realiza da forma como ele esperava. Decepcionado com as aventuras na capital, decide retornar. Porém, seu regresso não o torna submisso, culpado ou envergonhado como ocorre com o filho pródigo. Os trechos abaixo demonstram a sua atitude confiante, contrastando com o arrependimento sincero do herói bíblico:

– Quero só ver a cara daquela gente, quando eles me enxergarem! [...] Riu, e aquele foi o seu último pensamento, antes de dormir. Desse jeito, não teve outro remédio senão despertar, no outro dia, pomposamente, terrivelmente feliz. [...] Quando Lalino Salãthiel, atravessando o arraial, chegou em casa do espanhol, já estava cansado de inventar espírito, pois só com boas respostas é que ia podendo enfrentar as interpelações e as chufas do pessoal.
– Eta, gente! Já estavam mesmo com saudade de mim... (ROSA, 1984, p. 102).

² “As húris eram interesseiras, diversas em tudo, indiferentes, apressadas, um desastre; não prezavam discursos, não queriam saber de românticas histórias” (ROSA, 1984, p. 100): A palavra designa, na crença islã, as virgens prometidas aos bem-aventurados homens islâmicos. Tal adjetivo revela a visão paradisíaca do anti-herói sertanejo quanto ao que o Rio de Janeiro tem a lhe oferecer.

Levantar-me-ei, irei a meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e diante de ti: já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus diaristas. Levantando-se, foi para seu pai. Estando ele ainda longe, seu pai viu-o e teve compaixão dele e, correndo, o abraçou e beijou. (*Lucas*, 15: 18-20).

Convencido e sem culpa, Lalino tenta recobrar o seu lugar. Ao encontrar Ramiro, o espanhol que cortejava Maria Rita, morando em sua casa, busca reverter a situação a todo custo. Mesmo sendo rejeitado pelos amigos e encontrando as portas fechadas para um novo emprego, o marido pródigo segue otimista e bem-humorado até conquistar a confiança de todos novamente.

Se pousarmos um olhar atento à sequência narrativa do autor mineiro, relacionando-a com a parábola bíblica, encontraremos os seguintes aspectos: o primeiro trata do título escolhido para o conto composto pela presença do substantivo “volta” e do adjetivo “pródigo”. Ao deparar-se com o primeiro vocábulo, o leitor é ciente de que se trata de um relato da partida e do retorno de alguém (o marido), e que este dissipará todos os seus bens (dado o título de pródigo). Portanto, o leitor percebe uma clara alusão ao texto do Novo Testamento. O segundo aspecto relaciona-se ao desenvolvimento do enredo. Conforme já dissemos, Eulálio decide abandonar sua esposa, lar, emprego e amigos em troca de uma vida de aventuras no Rio de Janeiro. Para isso, é necessário que o mulato obtenha um certo valor financeiro para sobreviver na capital. Da mesma maneira, na Bíblia, o filho pródigo decide abandonar sua família com o intuito de vivenciar suas próprias aventuras e pede sua parte da herança ao seu pai. Em ambos os casos eles solicitam o que lhes é de direito, porém, como a narrativa de Rosa configura-se como uma paródia do texto bíblico, seu personagem recebe parte do dinheiro como resultado do suposto trabalho braçal que era mal executado, uma vez que desperdiçava o seu tempo de trabalho narrando contos e mentiras paralelas. O complemento do dinheiro é arranjado pelo espanhol Ramiro em uma espécie de negociação pela sua mulher: “Olhe aqui, seu Ramiro: eu quero é que o senhor me empreste um dinheiro. Uns dois contos de réis... Feito? [...] Eu vou-m’embora daqui. A mulher fica... Vou me separar... Ela não sabe de nada, porque eu vou assim meio assim, de fugido... O senhor me empresta o dinheiro, que é o que falta” (ROSA, 1984, p. 96-97). A ironia no conto se dá em razão de que o herói bíblico era o mais jovem e imaturo dos dois irmãos, portanto compreende-se a

sua necessidade de buscar tais aventuras. Em contrapartida, o anti-herói rosiano era casado e o principal provedor de seu núcleo familiar. Em ambos os casos, devido ao sentimento individualista, gera-se a quebra do núcleo familiar.

Tanto no caso do personagem bíblico, que se entrega aos prazeres e desperdiça sua parte da herança, como no personagem rosiano encontramos a necessidade de experimentar uma vida mundana: “As aventuras de Lalino Salãthiel na capital do país foram bonitas, mas só podem ser pensadas e não contadas, porque no meio houve demasia de imoralidade” (ROSA, 1984, p. 100). A decisão de retornar ocorre, em ambos os casos, devido à desilusão que os indivíduos vivenciam diante da escassez de suas finanças. “O dinheiro se fora. Rareavam os biscates. Veio uma espécie de princípio de tristeza. E ele ficou entibiado e pegou a saudade” (ROSA, 1984, p. 101).

É importante notar o peso da ironia no conto ao trazer um sujeito malandro para retomar uma narrativa que carrega o ideal de moralidade. O herói bíblico demonstra arrependimento de seus atos. Foi imaturo, mas aprendeu a lição diante da situação em que se encontrava: “Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui padeço de fome [...] já não sou digno de ser chamado de teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores” (*Lucas*, 15:17-19). Lalino, por sua vez, retorna de sua experiência tão malandro quanto antes. Após o seu regresso ele reclama o amor de Maria Rita, e é justamente por causa de sua lãbia que ele consegue sua esposa de volta. Quando retorna para o ambiente rural, o personagem obtém a oportunidade de prestar serviços ao Major Anacleto, homem austero, de temperamento difícil, que reluta muito em aceitar Laio como seu empregado, pois sabe bem do passado promíscuo do moço. Contudo, com o conselho de seu irmão, Tio Laudônio, acaba cedendo e aceitando os serviços do espertalhão:

– Um mulato desses pode valer ouros... A gente esquenta a cabeça dele, depois solta em cima dos tais, e sopra... Não sei se é de Deus mesmo, mas uns assim têm qualquer um apadrinhamento... É uma raça de criaturas diferentes, que os outros não podem entender... Gente que pendura o chapéu em asa de corvo e guarda dinheiro em boca de jia... Ajusta o mulatinho, mano Cleto, que esse-um é o Saci (ROSA, 1984, p. 110).

O fato é que em meio aos desdobramentos que a história traz diante da corrida política entre o Major Anacleto e seu adversário, Benigno, Lalino desempenha um importante papel, pois sua malandragem é o que acaba garantindo a vitória ao Major, seu patrão. Ao fim, há a garantia da expulsão dos espanhóis (incluindo Ramiro, que havia tomado a mão de Maria Rita) da região, e o retorno de sua mulher aos seus braços.

Diante da corrida política, Major Anacleto se encontra em desvantagem em número de eleitores. Entretanto, a virada de votos se dá devido a duas astúcias de Lalino. A primeira consiste nos encontros que ele realiza com o filho do concorrente político, Nico. Tais encontros contribuíam para o êxito do seu plano. Observemos, pois, a astúcia do personagem:

– Seu Major, escuta, pelo valor do relatar! Eu juntei com o filho do seu Benigno foi só p’ra ficar sabendo de mais coisas. P’ra poder trabalhar melhor para o senhor... E mais p’ra uma costura que eu não posso lhe contar agora, por causa que ainda não tenho certeza se vai dar certo... Mas, seu Major, o senhor espere só mais uns dias, que, se a Virgem mais nos ajudar, o povo da Boa Vista todo, começando por seu Cesário, vai virar mãe-benta para votar em nós [...] (ROSA, 1984, p. 116).

Certamente, a postura de um indivíduo malandro leva o leitor a questionar se as ações de Laio de fato têm o intuito de ajudar o Major ou de tão somente tirar proveito da situação em seu favor. O caso é que surge um escândalo envolvendo o filho do Benigno, o que acaba por beneficiar politicamente o Major: “O povo está todo agora do lado da gente... Não querem saber mais do seu Benigno... Tudo vota agora no senhor, seu Major meu padrinho!” (ROSA, 1984, p. 122). Nico desonra a filha mais nova do seu Césario e, como de costume, a família reivindica o casório. Contudo, segundo Lalino, o rapaz não se casa, pois o pai tem o intuito de mandá-lo para um seminário, o que acarreta uma grande vergonha para a família da moça, e certamente a perda do apoio popular para seu Benigno.

Lalino afirma que tudo se desenrola de acordo com o seu planejamento. Ele consegue manipular a situação e já idealiza o seu desfecho para que a moça não caia em desonra:

– Eu não disse, seu Major?! Não falei? No pronto, agora, o senhor está vendo que deu certo... Pois foi p’ra isso que eu levei o Nico na Boa Vista, ensinando o rapaz a cantar serenata e botar flor, e ajeitando o namoro com a Gininha! Estive até em perigo de seu Benigno mandar darem um tiro em mim, porque ele não queria que o filho andasse em minha má companhia... Ah, com o amor ninguém pode! [...] Depois do que for, das eleições, a gente rege o rapaz, se faz o casório... Tem de casar, mas só certo... Eu sei onde é que o Nico está amoitado... Aí a raiva do seu Benigno vai ser cheia. E as festas! (ROSA, 1984, p. 123).

A segunda intervenção artilosa de Salãthiel se passa no fim da narrativa. Major Anacleto tem um surto de fúria ao ouvir que ele estava de conversa mole numa calçada, num velho botequim, com outros companheiros, provavelmente do partido de oposição. O patrão, furioso, passa a desconfiar do espertalhão. No entanto, acaba constatando tratar-se do secretário do interior: “Depressa, mano, que não é oposição nenhuma, é do Governo! Depressa homem, é Sua Excelência o Senhor Secretário do Interior, que está de passagem, de volta para Belo Horizonte” (ROSA, 1984, p. 128). Mais uma vez o personagem rosiano consegue se dar bem e atrair a estima de todos.

Observamos que, mais radical do que o filho pródigo que abandona a casa paterna, o marido pródigo abandona os valores da amizade, do amor, e passa a ser fiel somente a si mesmo e a sua liberdade. Portanto, sua atitude pouco condiz com a humildade do herói bíblico. Este reconhece o erro de sua atitude em ignorar o Geral: o lar que desprezara em prol do desconhecido. Se tivesse tido consciência do Geral, o filho não teria deixado o lar paterno. Se o fez e se arrependeu foi por ter constatado que a liberdade tão desejada na verdade se encontrava em suas mãos o tempo todo.

Vejamos a tentativa de esboçar um breve quadro ressaltando o contraste entre os dois heróis e as duas doenças do sistema ontológico de Constantin Noica (2011):

QUADRO 1 – Comparação entre o personagem da Bíblia e o de Rosa

O filho pródigo Catolite (ausência do Geral)	Lalino – o marido pródigo Acatolia (rejeição do Geral)
<i>Inocência</i> : desconhecimento do Geral.	<i>Esperteza, sabedoria</i> : conhecimento do Geral
Rebeldia, desobediência	Bom humor
Sentimento de culpa	Leveza
Humildade e submissão	Autoconfiança e liderança

Sendo uma paródia do filho pródigo da narrativa bíblica, o marido pródigo expõe de forma cômica a categoria social do malandro. Tal categoria é abordada na crítica arguta de Antonio Candido (1993), revelando a essência do espírito brasileiro desde o século XIX com a narrativa *Memórias de um sargento de milícias* (1854), de Manuel Antônio de Almeida. Nela é possível identificar a dialética entre forma literária e processo social, evidenciando a ordem e a desordem da sociedade brasileira colonial, que não se submetia à velha ordem e buscava, a todo custo, meios de transcendê-la.

3. A malandragem enquanto categoria teórica

Como sabemos, o pícaro europeu é o anti-herói que pertence à categoria social que se opõe ao ideal cavalheiresco. Exemplos de personagens pícaros são Lazarillo de Tormes (1554) no Renascimento ou, ainda, Tom Jones (1749), de Henry Fielding, na literatura inglesa do século XVIII. Inúmeros são os exemplos do pícaro europeu. Apesar das diversas modalidades de pícaros, o gênero picaresco, de forma geral, caracteriza-se por ser realista, imbuído de certa aspereza e rudeza nas relações sociais.

Trazendo essa categoria para a literatura brasileira vemos que a classificação literária de pícaro não se encaixa devidamente em nossa cultura. Diferente da tendência para o real como evidenciamos na narrativa pícara, o pretense pícaro brasileiro tende para o ideal e para a realização de um final feliz. Em seu clássico texto, “Dialética da malandragem”, Antonio Candido demonstra em sua análise detalhada do romance *Memórias de um sargento de milícias* a singularidade do personagem Leonardo Pataca. Candido (1993) expõe cuidadosamente

a formação do primeiro grande malandro no romance brasileiro. Com base na sua crítica, percebemos que, diferentemente do pícaro europeu, o malandro na narrativa brasileira tem origem no popular. Em especial, no conto de Rosa torna-se evidente a força de seu texto literário que busca invocar mais o aspecto regional e folclórico do indivíduo brasileiro do que imitar o modelo estrangeiro europeu.

Antes de comentar mais a fundo a relação do personagem sertanejo com a dialética desenvolvida por Candido (1993), compreendamos, primeiramente, do que se trata tal categoria. De um modo geral, por “dialética da malandragem” entende-se um debate que retrata a dinâmica da sociedade brasileira do início do século XIX. O crítico brasileiro analisa o texto de Manuel Antônio de Almeida e sinaliza para a dualidade social que caminha lado a lado na obra: a ordem e a desordem. Tendo o texto literário uma relação mimética com a sociedade, não é preciso um grande esforço para perceber essa dualidade no decorrer do processo histórico brasileiro. Há uma constante comunicação entre a ordem e a desordem. Nas palavras do crítico:

Um dos maiores esforços das sociedades, através da sua organização e das ideologias que a justificam, é estabelecer a existência objetiva e o valor real de pares antitéticos, entre os quais é preciso escolher, e que significam lícito ou ilícito, verdadeiro ou falso, moral ou imoral, justo ou injusto, esquerda ou direita política e assim por diante. Quanto mais rígida a sociedade, mais definido cada termo e mais apertada a opção. Por isso mesmo desenvolvem-se paralelamente as acomodações de tipo casuístico, que fazem da hipocrisia um pilar da civilização. E uma das grandes funções da literatura satírica, do realismo desmistificador e da análise psicológica é o fato de mostrarem, cada um a seu modo, que os referidos pares são reversíveis, não estanques, e que fora da racionalização ideológica as antinomias convivem num curioso lusco-fusco (CANDIDO, 1993, p. 84).

O par ordem/desordem observado por Candido (1993) a respeito da sociedade brasileira do século XIX permanece presente no costume nacional e, conseqüentemente, em outros personagens satíricos que foram surgindo na literatura, a exemplo de Lalino Salãthiel. Ao focar na obra *Memórias de um Sargento de Milícias*, o autor aponta para uma espécie de equilíbrio entre bem e mal:

Pelo que vimos, o princípio moral das *Memórias* parece ser, exatamente como os fatos narrados, uma espécie de balanceio entre o bem e o mal, compensados a cada instante um pelo outro sem jamais aparecerem em estado de inteireza. Decorre a ideia de simetria ou equivalência, que, numa sociedade meio caótica, restabelece incessantemente a posição por assim dizer normal de cada personagem. Os extremos se anulam e a moral dos fatos é tão equilibrada quanto as relações dos homens (CANDIDO, 1993, p. 85).

Em seu ensaio “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”, Roberto Schwarz retoma a discussão levantada por Candido e reforça a relação entre forma, conteúdo e realidade que se dá no texto do aclamado crítico:

Refletindo sobre a forma das *Memórias*, Antonio Candido estabelecia, atrás dos altos e baixos do acabamento, uma organização complexa e de muito alcance. Esta por sua vez evocava um aspecto geral da sociedade brasileira, de que seria a transposição artística e de cuja relevância [...] a consistência alcançada pelo romance seria o indicio. E enfim, a conjunção de análise formal e localização sociológica enquanto complementares abria uma perspectiva que permitia identificar, denominar e colocar em análise uma linha de força inédita até então para a teoria, a linha da “malandragem” (SCHWARZ, 2012, p.129-130).

Como bem ressalta Schwarz (2012), Candido estabelece a dialética entre forma literária e processo social ao descrever em detalhes como a organização da sociedade brasileira configura-se no romance de Manuel Antônio de Almeida. A análise do romance sob a nova perspectiva da “linha da malandragem” inaugura uma nova perspectiva teórica em categorizar o personagem brasileiro sob o signo da astúcia e da malandrice. Como bem aponta Schwarz (2012, p. 130), o ato de praticar certas mazelas com o intuito de se dar bem ao final de uma situação vem desde os tempos do Brasil-colônia, ganha espaço na narrativa do século XIX com *Memórias de um Sargento de Milícias* e culmina com *Macunaíma* e *Serafim Ponte-Grande* no século XX. Mas não para por aí. Segue adiante com outros malandros em nossa literatura, a exemplo de Eulálio Salãthiel do conto estudado.

Rosa consegue subscrever em Eulálio um sentimento de continuidade de um determinado arquétipo brasileiro. Trata-se de um tipo

audacioso e espertalhão. Essa natureza de personagem é bem descrita por Candido no seu texto “Dialética da malandragem”: “O malandro, como o pícaro, é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores” (CANDIDO, 1993, p. 71). Portanto, o sujeito do conto rosiano vem somar à tradição do arquétipo do “malandro” brasileiro, já discutido por Candido (1993).

Eulálio, semelhante a Leonardo Pataca (protagonista de *Memórias de um Sargento de Milícias*), age com agudeza de espírito e esperteza pelo ato em si, singularidade esta que tende a distanciá-lo do pícaro. Apesar de representar uma certa figura regional, ele traz dentro de si apetrechos que o pluralizam, ou melhor, o tornam um sujeito atemporal. Tais atributos são oriundos de sua personalidade malandra. Em Eulálio, encontramos a representação dos mais distintos caracteres sociais, tais como o oportunista, o espertalhão, o sagaz. Esteticamente, essa multiplicidade está associada aos diversos nomes que o personagem recebe dos seus interlocutores, ao longo da história: Lalino, Laio, mulatinho. Cada nome/apelido denota a visão que o outro possui dele, ora atribuindo-lhe um significado pejorativo, ora positivo, afinal, o seu caráter astucioso abarca diversas personificações do ser *malandro* no contexto brasileiro.

Ampliando a comparação estabelecida entre o filho pródigo e o marido pródigo, acrescentemos os traços do pícaro em contraposição ao malandro:

QUADRO 2 – Comparação entre o personagem da Bíblia, o de Rosa e o pícaro europeu

O filho pródigo Personagem bíblico	Lalino – o marido pródigo Personagem malandro	Personagem pícaro europeu
<i>Inocência</i> : desconhecimento do Geral.	<i>Esperteza, sabedoria</i> : conhecimento do Geral.	<i>Inicialmente é ingênuo</i> : o choque com o mundo o corrompe, gradativamente.
<i>Rebeldia</i>	<i>Bem-humorado, amável</i>	<i>Bem-humorado, amável</i>
<i>Aprende com a experiência e arrepende-se</i>	<i>Realiza os seus desejos e está sempre disposto a mudar a sua situação</i>	<i>Vive ao sabor da sorte</i>
<i>Sentimento de culpa</i>	<i>Leveza</i>	<i>Leveza</i>
<i>Humildade e submissão</i>	<i>Autoconfiança e liderança</i>	<i>É servil e submisso</i>

Para além da comparação evidenciada entre as três categorias de heróis, faz-se importante notar que o pícaro possui raízes no erudito enquanto que o malandro possui raízes no popular, revelando-se artiloso e intuitivo, praticando a astúcia por prazer. Já o sujeito pícaro é pragmático. Outra característica importante quanto ao foco narrativo é o fato de a narrativa pícara ser narrada em primeira pessoa, ao passo em que a história de Lalino, bem como a de outros personagens da malandragem, é narrada em terceira pessoa por um narrador anônimo que parece favorecer, ou melhor, apadrinhar o malandro.

4 Considerações finais

O malandro da literatura brasileira parece pouco se encaixar nas categorias estabelecidas pela teoria da literatura. Próximo do herói picaresco e distante do herói bíblico, Lalino pouco se adéqua ao sistema ontológico criado por Constantin Noica (2011) e pouco corresponde ao pícaro europeu. A identidade deste personagem rosiano é escorregadia. Chamado de “Lalino” pelo narrador, “seu Laio” pelo capataz, e “mulatinho” pelos seus companheiros de trabalho, Eulálio apresenta diferentes facetas: o mentiroso, o politiqueiro, o esperto, o interesseiro, entre outras, representando, dessa forma, diferentes papéis sociais para se sair bem em todas as situações. Sua leveza, somada à lãbia e à argúcia, o projeta para além de sua realidade social. O campo da imaginação e da ilusão reveste a vida real de Eulálio. Apesar de não ser proprietário e ter de pular de galho em galho, arranjando emprego conforme a afinidade que estabelece com os seus chefes, o mulatinho consegue exercer a sua liberdade. A astúcia é o seu triunfo. Através dela, ele transcende o real e reforça a originalidade da teoria da malandragem na narrativa brasileira. Como afirma Schwarz (2012, p. 149), “o influxo europeu não deixa naturalmente de ser ‘influência’” na literatura brasileira, no entanto, autores como Guimarães Rosa inovam no campo da forma e no conteúdo de sua literatura. Os indivíduos rosianos expõem o modo de ser brasileiro que extrapola o particular e se universaliza.

Mesmo diante das dificuldades, o marido pródigo não encontra outro remédio “senão despertar, no outro dia, pomposamente, terrivelmente feliz” (ROSA, 1984, p. 102). Essa felicidade não se encontra nas *Seis doenças do espírito contemporâneo* de Constantin Noica. É difícil diagnosticar a possível doença constatada na “eterna

felicidade” do espírito do malandro. Uma coisa é certa: Lalino não é acometido de *acatolia*, a doença que, segundo Noica (2011), domina a contemporaneidade. Nosso anti-herói consegue atingir o equilíbrio entre a realização de seu desejo individual e a reconciliação com o Geral, com a realidade da vida.

Concluimos que o personagem aqui estudado não se encaixa facilmente na categoria analítica aqui proposta. Isso prova que sua singularidade não permite que seu espírito seja moldado ou rotulado por nenhuma análise filosófica e teórica por meio da qual ousamos direcionar o nosso estudo. O marido pródigo permanece como uma mescla de *acatolia* e *catolite*, pois, se por um lado temos a sua rejeição às normas da sociedade (o Geral), por outro lado temos a sua ingenuidade e carência da ordem. Como um bom malandro, ele deixa-se deslizar na tênue linha entre a *catolite* e a *acatolia*, de modo que seu ser não se caracteriza plenamente por nenhuma dessas doenças espirituais. Não se trata de um sujeito acatolizado, individualista e civilizado como Dom Juan, representando a queda dos valores da sociedade. Lalino não padece da doença da civilização como Noica (2011) evidenciou em alguns personagens literários acometidos de *acatolia*. Sua individualidade é galhofeira e só se sustenta na presença do coletivo. Saudável e fanfarrão, o personagem segue troçando de toda a gente, afinal, “tudo pr’a ele sai bom, e no fim dá certo [...]” (ROSA, 1984, p. 86).

Referências

BÍBLIA Sagrada. A.T e N.T. *Lucas*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. p. 1048-1049.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 68-89.

NOICA, Constantin. *As seis doenças do espírito contemporâneo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

NOICA, Constantin. *Six Maladies of the Contemporary Spirit*. Devon: University of Plymouth Press, 2009.

ROSA, Guimarães João. A volta do marido pródigo. In: _____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da malandragem”. In: _____. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 129-155.

Recebido em: 1º de maio de 2018.
Aprovado em: 25 de julho de 2018.